

## ■ sumário

### EDITORIAL

Saberes que não se podem perder!

♦ Elisabete Pinto

### FALANDO DE

DEMOGRAFIA HISTÓRICA...

♦ Maria Norberta Amorim

### ARGUMENTOS

*Medicina popular em Famalicão (1988)*

♦ Luís Polanah

### INICIATIVAS

• II Jornadas do Neps  
Festas e Romarias tradicionais no  
Portugal Contemporâneo:  
Persistência de práticas e signifi-  
cados sócio-culturais

• Homenagem a Luís Polanah

### NOTÍCIAS

• Nova publicação do Neps:  
"Wolfram = volfrâmio terra  
revolvida, memória revolta",  
de Maria Otília P. Lage

• Quinta Jornada Setecentista

## editorial ■ Elisabete Pinto

### Saberes que não se podem perder!

O gravador não é uma ferramenta vulgarmente utilizada pelos historiadores. No entanto, o recurso a este instrumento de trabalho pode fornecer um óptimo contributo para a tarefa sempre inacabada de desvendar o passado. Tal como acontece a outros investigadores sociais, o presente suscita inúmeras interrogações ao historiador. Interrogações para as quais nem sempre encontra resposta plausível nos documentos escritos e nos outros vestígios do passado como os edifícios ou as obras de arte. De facto, há muitas verdades apenas preservadas na memória da comunidade, tendo como porta-vozes interlocutores privilegiados cujas vivências e saberes importa registar para se conseguir uma compreensão mais aproximada do passado.

Porque a investigação histórica nunca está totalmente concluída, estando aberta à utilização de novas fontes, à aplicação de

novas metodologias e à adopção de diferentes perspectivas de abordagem sobre um mesmo assunto, torna-se fundamental validar conhecimentos que a voragem do tempo pode extinguir. É o caso dos testemunhos orais.

Recentemente, no XI Encontro de História Local, promovido pelo Museu de Alberto Sampaio, em Guimarães, numa comunicação intitulada *Indústria do Vale do Ave: História e Património*, o Prof. Doutor Amado Mendes, da Universidade de Coimbra, assinalou que o recurso aos testemunhos orais ainda não faz parte da tradição historiográfica portuguesa. No entanto, em países como a Inglaterra, a informação oral tem sido utilizada de forma sistemática e com frequência, "constituindo uma vertente importantíssima da história local. Aliás, o relevo que naquele país se dá às fontes orais é de tal ordem que aí se pratica uma modalidade

historiográfica chamada, precisamente história oral, cuja prática foi muito facilitada com o advento do gravador". Considerando que os testemunhos escritos continuam a ser um pilar básico da pesquisa histórica, o orador salientou que a história oral, mais do que um método de recolha de material, é um contributo para dar sentido ao processo geral do passado, assim como para melhor compreender o presente e planificar o futuro.

Para quem se debruça sobre problemáticas respeitantes à história local, estas observações tornam-se muito pertinentes, na medida em que o esclarecimento de muitas dúvidas e interrogações fundamentais no processo de reconstrução do passado podem encontrar resposta através do recurso mais ou menos sistemático à

informação guardada e preservada silenciosamente na memória de diferentes actores sociais.

Contudo, o facto do historiador com legitimidade científica poder recorrer ao gravador, o seu trabalho pode ser confundido com o dos jornalistas. Quer um, quer outro, têm formas de abordagem diferentes na análise que efectuam aos acontecimentos do presente e do passado. Como justificou Marc Kravetz, "jornalistas e historiadores participam conjuntamente num mesmo empreendimento em busca do conhecimento, através, como em qualquer bom empreendimento, de uma certa divisão do trabalho. Aos primeiros caberia estudar o presente e as suas incertezas, aos segundos, o passado e as suas zonas de sombra; aos artesãos do quotidiano, a febre da actualidade, aos

ourives do intemporal, a angústia da perspectiva; aos caçadores do acontecimento a colheita dos factos acabada de fazer, aos batedores de arquivos a paciente reconstrução de um mundo desaparecido"<sup>1</sup>.

Em comum, uns e outros, têm ainda a possibilidade de recorrer aos testemunhos orais. E se os jornalistas querem justificar o presente, os historiadores anseiam pela interpretação do passado. Desta forma, com o auxílio do gravador, estes saberes que não se perdem e, hoje ou amanhã, poderão fundamentar múltiplos aspectos da história local que corriam o risco de serem ignorados. ■

1 KRAVETZ, Marc, «Os jornalistas fazem a História», História e Nova História, ed. Teorema, Lisboa, 1986, p. 89

---

## BOLETIM INFORMATIVO DO NEPS EM DISTRIBUIÇÃO ELECTRÓNICA

Acompanhando a evolução dos tempos, o Boletim Informativo do NEPS, passará a ser distribuído preferencialmente através do correio electrónico, em formato 'pdf'. Para a sua leitura e impressão, será necessário ter instalado no computador o programa Acrobat Reader, da Adobe, que poderá ser obtido gratuitamente, entre outros, no seguinte endereço:

<http://www.adobe.com/products/acrobat/readstep2.html>

Agradece-se a todos os leitores que pretendam continuar a receber o Boletim que nos façam chegar, até ao final do mês de Maio do ano em curso, uma mensagem onde conste, em "assunto": **Subscrição do Boletim**, na qual deverá ser indicado o endereço de e-mail para o qual Boletim deverá passar a ser enviado. A mensagem atrás referida deverá ser enviada para o endereço do NEPS: [\\_neps@neps.ics.uminho.pt](mailto:_neps@neps.ics.uminho.pt).

Para além da distribuição por e-mail, as edições do Boletim continuarão a ser disponibilizadas na página da Internet do Núcleo. ■

A reconstituição de famílias/paróquias, com base nos registos paroquiais de baptizados, casamentos e óbitos, dá-nos possibilidade de acompanhar comportamentos demográficos para diferentes comunidades da Península Ibérica a partir dos finais do século XVI, mas as características das fontes condicionaram o maior desenvolvimento da investigação para o século XVIII.

As principais variáveis responsáveis pela evolução da população são a natalidade e a mortalidade, expressas, respectivamente, nos nascimentos e nas mortes, mas a variável nupcialidade, expressa no casamento ou no celibato, tinha uma influência decisiva na renovação das gerações, regulando as potencialidades reprodutivas. Por outro lado, a mobilidade, com movimentos de entrada ou de saída de gentes, emigração ou imigração, era fortemente responsável por perturbações imediatas no crescimento populacional.

A complexidade da análise pela reconstituição de famílias/paróquias é distinta para cada uma das quatro variáveis. No caso da nupcialidade, o cálculo da idade média ao primeiro casamento, um indicador de nupcialidade corrente, ou o cálculo da percentagem dos homens e mulheres que ficaram solteiros, implicam identificar cada indivíduo ao nascimento e acompanhar o seu percurso enquanto ele está *em risco* de casar, anotando-se o momento do eventual casamento e considerando-o celibatário se atingiu os 50 anos sem casar. No caso da fecundidade, o cálculo das *taxas de fecundidade legítima por grupo de idades da mulher*, ou seja o

número de crianças nascidas em cada ano de convivência conjugal, calculado por grupos de idades da mulher (geralmente atribuídos a 1000 mulheres), implica conhecer a data de casamento, a data de nascimento da mulher, o registo de todos os filhos e a data de *fim da união* (geralmente a morte do primeiro cônjuge falecido). Reunidas uma e outras condições, os cálculos, tanto de nupcialidade como de fecundidade, serão acessíveis ao investigador.

A abordagem das variáveis mobilidade e mortalidade é bem mais complexa. Apenas podemos dispor de registos de passaportes para o século XIX, muitas vezes só na segunda metade e os registos de passaportes referem-se em regra à mobilidade internacional, basta vezes clandestina, portanto nem sempre registada. A mobilidade interna em cada país só em alguns casos foi objecto de registo. A metodologia de reconstituição de paróquias tem recursos para proceder à estimativa

QUADRO I  
IDADE MÉDIA AO PRIMEIRO CASAMENTO  
Regiões de Portugal e Espanha  
(1700-1849)

REGIÕES	Idade	Obs.	Idade	Obs.	Idade	Obs.	Idade	Obs.
	Antes de 1700		1700-1779		1780-1849			
MULHERES								
PORTUGAL								
Trás-os-Montes	25,6	5	26,9	5	26,0	2		
Minho e Douro L.	27,1	21	27,5	24	26,7	21		
Beiras	26,4	3	27,5	4	27,5	4		
Alentejo e Algarve	-	-	23,8	1	22,3	2		
Açores (Pico)	-	-	26,0	4	26,7	4		
HOMENS								
PORTUGAL								
Trás-os-Montes	26,1	5	28,4	5	29,5	2		
Minho e Douro L.	26,7	20	27,3	23	27,0	21		
Beiras	26,0	3	27,9	4	28,4	4		
Alentejo e Algarve	-	-	25,8	1	24,9	2		
Açores (Pico)	-	-	29,3	4	29,1	4		
REGIÕES	Século XVII		Século XVIII 1ª metade		Século XVIII 2ª metade		Século XIX 1ª metade	
MULHERES								
ESPAÑHA								
Catalunha	22,2	12	22,2	7	22,9	11	22,8	10
País Valenciano	21,8	9	22,8	9	22,7	11	24,1	4
Baleares	20,7	6	26,0	2	24,4	1	-	-
Aragão	22,1	3	22,6	5	22,6	4	20,8	1
Espanha Interior	21,1	12	22,1	15	22,1	12	22,7	14
Galiza	24,2	6	25,3	15	25,2	14	25,3	2
Astúrias/ Cantábria	23,3	5	24,8	12	24,8	20	25,3	13
P. Basco/ Navarra	24,8	2	24,8	8	25,5	12	24,4	12
HOMENS								
ESPAÑHA								
Catalunha	26,5	11	26,8	7	26,5	11	24,4	10
País Valenciano	25,4	9	25,9	8	26,1	9	26,2	3
Baleares	23,0	6	29,4	2	27,8	1	-	-
Aragão	25,2	3	25,5	4	25,5	4	24,1	1
Espanha Interior	24,3	12	24,5	14	24,0	11	25,0	14
Galiza	22,3	6	24,6	15	25,6	14	25,6	2
Astúrias/ Cantábria	-	-	-	-	-	-	-	-
P. Basco/ Navarra	27,2	2	27,2	7	26,8	11	26,7	12

Fontes: Manuel Ardit, "Microanálisis en larga duración..." e NEPS, *Bases de dados demográficas*.

das saídas, mas só se se dispõe de registo sistemático de mortalidade infantil, situação que nem sempre se verifica. Não havendo registo de mortalidade infantil, nem havendo registo de mobilidade, não poderemos calcular *taxas de mortalidade por idade ou grupos de idades* e, na sequência, não poderemos, de forma directa, estimar a *esperança de vida à nascença*. Apenas para idades mais tardias, em regra os 25 anos, e só para indivíduos casados, mais estáveis, é aceitável calcular a esperança de vida. Na impossibilidade do desenvolvimento de cálculos rigorosos sobre a esperança de vida às diferentes idades, os autores utilizam *tábuas-tipo de mortalidade*, com as quais relacionam os seus dados parcelares.

Para Espanha, Manuel Ardit recolheu a informação de mais de uma centena de monografias baseadas na reconstituição de famílias, calculando as médias aritméticas relativa a cada região<sup>1</sup>. No caso português recolhemos os dados de algumas dezenas de monografias baseadas na reconstituição de famílias ou baseadas na reconstituição de paróquias, calculando também as médias por região. Essa recolha permite-nos uma perspectiva interessante sobre os comportamentos demográficos do todo peninsular.

Começando pela análise do fenómeno da Nupcialidade, a evolução da idade média ao primeiro casamento, de homens e mulheres, em diferentes regiões de Espanha e Portugal é apresentada no quadro I.

Pela análise do quadro verificamos que as diferenças de com-

portamento são pouco significativas dentro da mesma região no longo período que se estende do século XVII a meados do XIX. Numa análise comparativa, o mais saliente do quadro é a diferença de comportamento entre os casos estudados de Portugal e os de Espanha. Enquanto em Portugal as médias, para o sexo feminino, no Norte e Centro se colocam bem acima dos 25 anos, para nenhuma região de Espanha, a não ser na Galiza e Astúrias/Cantábria, as médias atingem essa idade. Embora para o sexo masculino a idade média ao primeiro casamento em Espanha tenha sido mais elevada do que para o feminino, no Norte e Centro de Portugal os homens ainda casavam mais tarde. Um aspecto interessante a realçar é o facto dos homens no século XVII e primeira metade do XVIII, no Noroeste peninsular, casarem mais jovens do que as mulheres, situação que não se verifica nas outras regiões. As dificuldades, no Noroeste Peninsular, das mulheres encontrarem parceiro, devido à emigração mais frequente dos homens, podem

estar na origem desse comportamento.

Passando para a análise do fenómeno da Fecundidade, verificamos que apesar da fecundidade se aproximar da natural, tendo as mulheres em convivência conjugal tendencialmente todos os filhos que a Natureza permitia, as taxas de fecundidade também apresentam variações de zona para zona. Embora com as reservas resultantes da escassez das observações, considerando a média anual de nascimentos em mulheres entre os 20 e os 24 anos (1000 mulheres), para as paróquias observadas as diferenças encontradas revestem-se de algum significado.

No caso de Portugal, encontramos taxas de fecundidade moderadas, com ligeira elevação na primeira metade do século XIX. Em Espanha as taxas apresentam-se mais elevadas, particularmente no País Valenciano e na Espanha Interior, com acréscimo nítido também na primeira metade do século XIX, à excepção da Catalunha.

QUADRO II  
TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA  
Grupo de idades dos 20 aos 24 anos (1000 mulheres)  
Regiões de Portugal e Espanha (1700-1849)

PORTUGAL	Antes de 1750		1750-1799		1800-1849		
Trás-os-Montes	369,3	4	369,4	5	364,8	4	
Minho e Douro L.	370,9	20	381,6	17	394,0	16	
Beiras	354,5	4	373,5	4	411,9	3	
Alentejo e Algarve	-	-	357,5	2	383,5	2	
Açores (Pico)	-	-	375,5	4	393,0	4	
ESPAÑA	Século XVII		Século XVIII 1ª metade		Século XVIII 2ª metade		Século XIX 1ª metade
Catalunha	370,0	1	431,3	3	463,0	4	421,3 - 4
País Valenciano	379,4	8	384,5	6	385,5	6	- -
Baleares	435,0	2	339,5	2	420,0	1	- -
Espanha Interior	413,6	5	419,3	6	387,8	6	430,8 - 5
Galiza	383,0	1	376,4	14	395,2	13	429,5 - 2
P. Basco e Navarra	367,3	3	341,3	3	381,5	4	386,8 - 4

Fontes: Manuel Ardit, "Microanálisis en larga duración..." e NEPS, *Bases de dados demográficas*.

QUADRO III  
MORTALIDADE INFANTIL E ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA  
Regiões de Portugal e Espanha (1700-1849)

REGIÕES	Século XVII		Século XVIII 1ª metade		Século XVIII 2ª metade		Século XIX 1ª metade	
	QUOCIENTE DE MORTALIDADE INFANTIL							
PORTUGAL	Val.	Obs.	Val.	Obs.	Val.	Obs.	Val.	Obs.
Minho e Douro L.	121	2	152	2	142	3	121	5
Beiras	-	-	-	-	-	-	113	2
Alentejo e Algarve	-	-	-	-	214	2	177	2
Açores (Pico)	-	-	-	-	142	2	128	3
PORTUGAL	ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA							
Minho	41,9	1	41,3	2	45,0	2	-	-
Alentejo e Algarve	-	-	-	-	33,6	2	33,6	2
Açores (Pico)	-	-	-	-	50,5	2	54,5	2
ESPAÑHA	QUOCIENTE DE MORTALIDADE INFANTIL							
Catalunha	196,7	4	212,7	8	217,0	28	177,4	8
País Valenciano	175,6	7	209,1	6	203,5	7	157,8	3
Baleares	-	-	209,9	3	207,4	5	181,5	5
Aragão	233,0	2	251,0	1	277,0	3	287,5	2
Espanha Interior	248,1	8	303,0	3	319,8	4	243,9	13
Galiza	227,0	1	226,0	7	211,2	11	206,2	5
Cantábria	-	-	-	-	199,6	5	185,9	7
P. Basco e Navarra	-	-	236,3	3	201,2	14	127,2	8
ESPAÑHA	ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA							
Catalunha	26,8	1	31,1	1	33,0	3	36,4	1
País Valenciano	30,0	2	25,0	5	24,1	5	27,3	2
Baleares	23,1	1	-	-	-	-	-	-
Aragão	24,9	3	24,4	1	24,4	1	24,4	1
Espanha Interior	24,0	2	-	-	-	-	29,1	1
Galiza	37,2	2	36,2	13	35,8	11	39,9	3
Cantábria	-	-	-	-	-	-	-	-
P. Basco e Navarra	-	-	31,9)	2	31,9	2	-	-

Fontes: Manuel Ardit, "Microanálisis en larga duración..." e NEPS, *Bases de dados demográficas*.

Temos contudo de reforçar a ideia de que se trata de resultados provisórios, dado o escasso número de paróquias observadas por região. Dadas as diferenças de idade ao casamento de região para região, observar o comportamento apenas para as mulheres entre os 20 e os 24 anos, pode igualmente trazer distorções.

Sabendo-se que zonas como a Espanha Interior viram no decurso de Seiscentos estancar os seus níveis populacionais, comparativamente a zonas mais periféricas como a Galiza, não parece coerente que na primeira daquelas zonas o casamento se realizasse numa idade mais precoce e que a

fecundidade fosse aparentemente mais elevada. Em que medida o peso de fenómenos como a mortalidade e a mobilidade inverteriam na Espanha interior a natural tendência de crescimento?

Começaremos por apresentar um quadro comparativo de resultados conhecidos para as diferentes regiões ibéricas no que respeita à *mortalidade infantil* e *esperança de vida*, embora esse quadro deva ser interpretado com as cautelas necessárias, dado o número reduzido de observações em algumas zonas e os problemas metodológicos inerentes a uma observação de grande complexidade.

Pelo quadro, facilmente se depreende das profundas diferenças regionais no que respeita à sobrevivência no primeiro ano de vida. Em Portugal, se exceptuarmos o caso do Alentejo e Algarve, a morte apresentava-se muito mais suave, comparativamente a Espanha. Antes do século XIX, neste último país, só excepcionalmente os quocientes de mortalidade infantil baixavam de 200 por mil, chegando a atingir os 300 por mil. Valores inferiores a 150 por mil são comuns em Portugal ao longo da observação, embora a escassez de observações não permita conclusões seguras.

As diferenças de partida na mortalidade infantil têm naturais reflexos na esperança de vida à nascença, profundamente diversificada no quadro peninsular. Enquanto no Minho cada criança ao nascer podia esperar viver mais de 40 anos e na Galiza mais de 35, no Alentejo ou na Catalunha mais de 30, no País Valenciano, na Espanha Interior ou em Aragão não se esperava ultrapassar os 25 anos.

Em vastas zonas da Península, penalizadas pela morte quotidiana, o casamento marcava-se cedo, enquanto nas regiões em que a sobrevivência era favorável o casamento tardio, pela redução do período de convivência conjugal, contribuía para equilibrar os níveis populacionais com os recursos disponíveis. ■

1 Manuel Ardit, "Microanálisis demográfico en larga duración: el caso de España", *IV Congreso da ADEH, Historia de la Población*, Vol. II, Universidade do País Basco, 1999, pp. 253-300.

## Medicina Popular em Famalicão (1988)

Usa-se chamar *Medicina Popular* ao exercício empírico do tratamento de doenças e perturbações da vida moral e mental das pessoas por indivíduos das camadas populares, geralmente analfabetos ou pessoas de baixa escolaridade. Essas pessoas consideram-se protegidas por um espírito superior ou eleitas pela vontade divina a cujo serviço se dizem colocar. Os problemas com a doença e a morte, a boa ou má sorte, a riqueza e a pobreza, a felicidade e a infelicidade, etc. forçaram o homem a descobrir os meios de se defender contra os acontecimentos nefastos abrindo caminho à sua segurança pessoal e colectiva.

O exercício desta actividade, imerso num mundo esotérico ou religioso, é encarado com algum respeito e, outras vezes, também com temor ou desconfiança. Mas o seu fascínio é irresistível para quem se vê desamparado, acometido de doenças e infelicidades sem meios para esconjurar um destino de miséria e sofrimento.

Esta forma esotérica de terapia física, moral e psicológica, geralmente associada a uma misteriosa intercederia sobrenatural, esteve quase sempre ligada aos recursos materiais armazenados na Natureza-mãe. Contudo, a sua abordagem fez-se quase sempre sob as sombras do mistério ou de ritos religiosos inspirados por fontes sobrenaturais indemonstráveis.

O que fora outrora o recurso possível para o homem superar doenças, a fome, a ameaça da morte e outros perigos converteu-se, nos nossos dias, numa actividade duvidosa exercida nos

meios de maior ignorância (ou qualificados como tais) por terapeutas do sofrimento humano, denominados curandeiros, bruxos e outros designativos menos honrosos.

É de supor que a sobrevivência dessas crenças e práticas tenha incidência maior sobre as famílias mais desamparadas e que, in extremis, se agarram a tudo o que possa ajudá-las a superar a sua desgraça, sem deixar de se pedir protecção na fé da religião que oficialmente sustenta a vida humana do país. A persistência destas crenças que combinam sorte, doença, infelicidade ou pobreza com forças espirituais ou de uma ordem divina é ainda sensível nos meios mais desfavorecidos ou marginalizados das culturas urbanas. Persiste geralmente encoberta numa certa clandestinidade, porém mantendo indiferentemente na sua clientela pessoas de todas as classes sociais e formação moral e religiosa.

Caberá aos estudiosos destas matérias prosseguir as suas análises e reflexões sobre a persistência desse tipo de actividade, suas causas, seus agentes, seu conteúdo moral e material, bem como a sua relação com o meio habitualmente circunscrito nas aldeias, freguesias e concelhos do país. A sua utilidade moral e social poderá justificar-se ante as dificuldades crescentes da vida moderna. A avalanche de factores novos de progresso e mudança, que vão atingindo as populações, não poderá deixar de perturbar a vida rotineira das suas tradições locais e regionais,

A designação de *bruxo* é ainda depreciativa, mas concentra em si o significado primordial de alguém

que conhece como superar dificuldades e, talvez, como burlar a má sorte por manipulações inexplicáveis de forças espirituais ou divinizadas.

A mesma expressão serve também para lançar sobre essa categoria de agentes marginais da esfera sagrada o estigma de impostores e mercedores de repulsa das pessoas crentes e educadas. Não obstante a possibilidade destes preconceitos, a sua vigência é um facto que parece ter tendência para crescer sob outras formas e pretextos mais sofisticados.

O que a seguir descrevo deve ser tomado como um simples apontamento sobre dois casos que me foram dados registar numa freguesia de Famalicão, há cerca de quinze anos passados.

Nessa freguesia tipicamente rural, situada na cintura industrial de têxteis, que rodeia o rio Pele, conheci uma mulher e um homem referidos na terra como aqueles que, nessa ocasião, cuidavam de doenças e de outras situações do sofrimento humano, que excediam as capacidades da terapia médica ou psicológica desse tempo.

A dita freguesia afigura-se a quem pela primeira vez a frequenta uma pequena vila, rodeada por campos cultivados e salpicados com viçosas bouças de carvalhos. São escassas as casas rústicas do antigo lavrador. Em seu lugar surgiram vistosas vivendas, propriedades dos seus locatários, todos habitantes e filhos da freguesia. Uma parte dessas construções foi conseguida com empréstimos facilitados numa altura em que o preço do metro quadrado de terreno era bastante baixo; e a outra deveu-se ao

## Medicina Popular em Famalicão (1988)

dinheiro do emigrante.

Em geral os casais trabalham nas fábricas e muitos deles adoptam o costume de o homem assumir os turnos da noite e a mulher trabalhar nos turnos do dia. O homem pode durante o dia cuidar duma pequena criação de galináceos e deitar mão ao seu pedaço de terra, onde planta couves, cebolas e outras hortaliças para o comer da família.

O Centro Social da Paroquia recebe as crianças cujas mães são trabalhadoras e assegura também os tempos livres de muita garotada que, por outras razões, não tem as suas horas escolares totalmente preenchidas.

Até há bem pouco tempo eram conhecidas, nesta freguesia, pelo menos quatro mulheres que atendiam clientes queixosos de diversos problemas de suas vidas. Sendo muito populares, eram profissionalmente referidas como *bruxas*, *curandeiras* ou *mulheres de virtudes*, consoante as situações. O seu número estava agora reduzido a uma só das mulheres, a quem passo a tratar por Hilda.

Hilda tem mais de 60 anos, é casada e mãe de quatro filhos, três dos quais emigrantes bem sucedidos no coração da Europa. É analfabeta e o marido, que também foi emigrante durante muitos anos, encontra-se inválido. Contudo, Hilda permanece activa para atender alguma clientela, principalmente gente procedente do seu concelho, ou de fora da localidade. Para algumas pessoas do seu bairro Hilda, hoje, não é tão competente no seu trabalho como uma outra que vive próximo de Guimarães. A fama destes agentes da *medicina popular* faz-se muito

por intermédio duma publicidade gratuita, promovida pelos próprios clientes que se consideram bem sucedidos nas suas consultas.

Hilda tem, presentemente, pouca clientela oriunda do seu povo. Raras vezes é requerida para ir exorcizar uma casa, ou varrer aderências malfazejas em casa de famílias, mesmo de freguesias próximas, cujas vidas se consideram perturbadas por malquerença de outros.

Não se fala de nenhum outro homem da freguesia senão de um *endireita*, bem afamado pela sua eficiência nas freguesias em redor. O seu *consultório* é, por isso, mais frequentado, inclusivamente por pessoas de outros concelhos e estratos sociais...

Contudo, há escasso tempo, um indivíduo do sexo masculino, residente num concelho limítrofe, veio instalar o seu consultório na casa dum comerciante desta freguesia. Trato-o por Santana, tem menos de 50 anos, é casado, possui boa aparência, é bem-falante e não estudou além da 4ª classe. Santana tem a colaboração da mulher do seu hospedeiro comerciante. O espaço que ocupa para as suas consultas é adjacente à loja onde estão expostos produtos da medicina ervanária tradicional como também da dietética natural comercializada, que Santana receita. A mulher cobra as consultas e avia os produtos.

Hilda tem grande aversão à concorrência deste *curandeiro* que, para mais, é um estranho procedente doutro concelho. Não é um vizinho! Por isso, diz dele o pior lhe vem à cabeça. Não esconde que a concorrência de Santana lhe tem roubado muita clientela. Das freguesias vizinhas

afluem mais pessoas ao consultório de Santana do que de Hilda.

Hilda também trabalha duma forma distinta e menos encenada do que Santana. Hilda não atende os seus pacientes no interior da sua casa. Atende fora num espaço da entrada para a sua residência. Ao contrario de Santana que opera num espaço pretensamente sacralizado por um grande crucifixo. Diante dele está um cadeirão para Santana sentar e, a seu lado, um banco para o paciente.

Enquanto Hilda faz sentar o cliente numa cadeira, a seu lado, no exterior de sua casa. Aí, escuta as queixas do seu paciente e, depois, pede-lhe uma cueca ou um sutiã, dependendo da pessoa que nesse momento a consulta. Segura a peça de roupa na mão esquerda e com a direita toma a mão do cliente. Em seguida, o cliente deve declarar-lhe o seu primeiro nome, que Hilda repete como se estivesse a fazê-lo chegar a um outro plano da sua percepção espiritual.

Com os olhos semi-cerrados e a respiração opressa, acompanhada de alguma eructação, principia por fazer um retrato moral da vida do seu paciente relativamente aos males de que se queixa. Revela-lhe, então, o que há de obscuro e preocupante na sua vida, com respeito aos seus sofrimentos e frustrações, insinuando o vulto de pessoas que lhe querem bem ou mal, com quem convive ou trabalha -as que são amigas ou dizem sê-lo, as que se mordem de inveja e a querem prejudicar, etc.

Hilda não gosta de ser interrompida enquanto está em contacto com esse mundo espiritual que a inspira, muito menos que a contradigam. O

## Medicina Popular em Famalicão (1988)

espírito que lhe faculta a visão dessas coisas sabe o que faz!

Depois pode revelar aspectos da vida privada do cliente e, ao mesmo tempo, transmitir-lhe conselhos sobre como o cliente deverá conduzir-se, de futuro, e as precauções que precisará de tomar para evitar que a sua vida contraia mais problemas... Poderá também denunciar facetas negativas do carácter do seu paciente, que o prejudicam na sua relação com as demais pessoas (familiares ou não).

Hilda não entra totalmente em transe, enquanto mantém o diálogo com o seu paciente de olhos semi-cerrados. A sua concentração transmite a ideia de que a sua percepção se encontra na fronteira de dois mundos distintos. Hilda não quer ou não sabe explicar como vê e consegue revelar factos presentes e passados, nomes de pessoas ou antecipar-se ao futuro, dizendo as coisas que diz com tanta firmeza. Apenas sabe que *percebe as coisas dentro de si* (e faz um gesto tocando com a mão o peito e não a cabeça para traduzir a sua intuição dos factos).

Por outro lado, a forma de actuar de Santana é completamente outra. A sala onde atende os seus clientes (ou pacientes) oferece melhores condições de comodidade e um ambiente de maior respeito onde as pessoas podem, conversando, criar um clima de solidariedade e cumplicidade sobre o que ali vieram fazer. Sobre uma mesa encostada a uma parede, oposta à porta por onde entram os pacientes, existe (como já

referi) um grande crucifixo perante o qual Santana se ajoelha e reza durante alguns momentos.

Em pouco tempo Santana cai em transe e é sacudido por violentos estertores, (com a clara sensação de serem epiléticos)) causados por uma força espiritual poderosa que deverá ser a entidade que o tem por seu oráculo terreno. Os seus olhos ficam revirados, a voz soa baixa e roufenha.

Aparentemente Santana perde a noção das coisas à sua volta. A sua auxiliar ampara-o por trás, segurando-o pelos braços, e fá-lo sentar-se na cadeira diante do crucifixo. Alguns instantes depois, Santana, com um ar abstracto, segura a mão do paciente e pergunta-lhe o que tem, de que se queixa, que pretende da *Santa Guia*, etc.

Às queixas do paciente, Santana responde com uma voz gutural e rouca, diagnostica, aconselha e procura induzir calma e segurança no seu paciente. O quadro é altamente sugestivo pela densidade do mistério que o rodeia e a forma inteligente e persuasiva como a sessão decorre.

A entidade que Santana refere como a *Santa Guia* não é, curiosamente, do género feminino. O personagem, que assim se identifica, é um espírito do género masculino como se verá mais adiante. Para o povo (a começar por Santana) a palavra *Guia* soa-lhes do género feminino.

Finalizada a consulta, o cliente não tem possibilidade de pedir a Santana muita explicação sobre as coisas que a *Santa Guia* lhe

revelou. Santana justifica-se dizendo que não foi ele quem falou durante a sessão, mas a *Santa Guia*. Qualquer esclarecimento adicional requer que o paciente repita a Santana o que terá sido dito pela *Santa Guia*. Santana não foi mais do que um seu *porta-voz*, o elo de ligação do mundo providencial com o sofrimento humano, estando ele ausente de si mesmo.

Enquanto aguardam, na sala de espera a sua vez, as pessoas conversam, entretanto, sobre os seus males e desgraças, ou as melhoras que já estão alcançando, ou não. Porém, nunca se referem a Santana pelo seu nome ou apenas *ele*, mas dizem antes a *Santa Guia*, ou *Ela*, enfatizando o *Guia* no feminino. Creio que por um equívoco do povo pouco habituado às subtilezas do seu idioma.

As pessoas, atraídas ao consultório de Santana trazem, em geral, queixas relacionadas com a *má sorte*, doenças e pobreza, ou a *inveja* de parentes ou vizinhos, e buscam uma protecção contra uma espécie de fatalidade que as persegue, etc.

Algumas relatam como já venceram suas angústias e infelicidades, ou os males de que já se sentem aliviados, etc. Para outros são melhoras que não haviam alcançado nos hospitais onde já haviam sido atendidos. As formas de terapia oficial pouco têm a ver com a parte emocional da gente humilde e sofredora. A eficiência do aparato técnico e científico não comove a sensibilidade do paciente infeliz e impotente na sua desgraça ou

## ***Medicina Popular em Famalicão (1988)***

sofrimento. Mas um terapeuta carismático e popular é, talvez, capaz de teatralizar o mundo misterioso e inseguro em que vivemos e conseguir apaziguar a angústia da gente sofredora.

Num desses momentos de conversa na sala de espera, um paciente, ainda jovem, confessou-me que, por intercedência da *Santa Guia*, havia, finalmente, conseguido um emprego do seu gosto! Por este facto avalie-se como uma necessidade desta natureza pode também ser socorrida num consultório deste tipo, através duma mediação espiritual.

Quer Hilda, quer Santana, ambos afirmam saber como atrair a boa sorte e proteger contra a má sorte. Situações que não escolhem pessoas nem famílias, ou a sua importância social.

Santana mostrou gosto em relatar como chegou a este ponto de exercer uma actividade no domínio da terapia popular sob uma protecção sobrenatural. Porém, Santana confessa ser uma actividade muito penosa e recheada de conflitos com as autoridades e a inveja das pessoas.

Na sua infância e juventude tivera uma relação muito estreita com a catequese paroquial e, por esta razão, a sua inabalável *fé em Cristo* e de a ELE se referir sempre como o *seu modelo de vida a cujos mandamentos todas as pessoas deviam obedecer*.

Escutando Santana, percebe-se que ele leu muito mais do que é comum no meio popular minhoto. Por isso, gosta de realçar a sinceridade da sua devoção religiosa a Cristo.

Conversa bem, é astuto e sabe argumentar.

Porém, tanto Santana como Hilda explicam a sua vocação para o exercício deste tipo de actividade *no pátio* da religiosidade camponesa e olvidada dos poderes nacionais, como sendo consequência de situações dolorosas que marcaram a sua infância, em ambiente de grande pobreza e sofrimento.

Hilda não foi muito explícita sobre alguns aspectos da sua vida quando jovem. Mas confessou que, na adolescência, fora uma moça de compleição magra e temperamentalmente muito nervosa. Facilmente se deixava arrebatar por terríveis ataques de fúria. Provavelmente de natureza histérica. Disse que, por vezes, era uma autêntica fera e, a custo, quatro adultos a conseguiam dominar. Garante que era inacreditável como ela podia encerrar tanta energia num físico de tão frágil aparência...

Seus pais tiveram de procurar o conselho dos médicos, recorreram a orações, pediram a intercedência de padres, fizeram promessas, contudo, Hilda nunca viu o seu génio abrandar, nem encontrava o equilíbrio psicológico desejado.

Por natureza, Hilda amava a solidão, não tolerava que a contrariassem e, após uma crise de nervos, mergulhava num estado de grande apatia e alheamento das coisas em redor...Hilda só começou a experimentar melhoras quando casou e vieram os filhos. Desde então tem consciência de que se tornou numa *pessoa normal*.

Nunca mais experimentou as fúrias de histerismo da sua adolescência.

Entretanto, à sua volta o povo foi conjecturando sobre as causas das suas crises até que começou a constar que Hilda era uma mulher diferente e possuía poderes para ajudar as pessoas a vencer as suas dificuldades, aconselhando e praticando misteriosos tratamentos que davam certo nos seus pacientes, etc. Seus poderes pessoais acabaram por ser uma fonte de rendimento familiar não desprezável. O seu estatuto dentro da comunidade foi, durante alguns anos, equiparável ao de uma guardiã de seus vizinhos, parentes e amigos.

A história de Santana é diferente, embora tenha em comum também um período de crise e sofrimento. Santana viveu uma juventude atolada em grande pobreza... A sua constituição física era frágil. Nascera com um temperamento muito nervoso -uma característica que ainda hoje se nota nele quando fala e, sobretudo, quando relata as perseguições e intrigas de que diz ter sido sempre vítima.

Mas Santana aparenta ser um homem descontraído e é pessoalmente muito sensível e persuasivo com as pessoas. Quando menino, sofrera de terrores nocturnos e, pior ainda, padecera também de sonambulismo. Suas noites costumavam ser, tanto para ele como para os pais, um verdadeiro tormento. Se não o vigiassem, desaparecia de casa deambulando sem destino pelo povoado. Esta situação durou anos e só se apagou

## Medicina Popular em Famalicão (1988)

na adolescência...

Tratado pelos médicos sem resultados sensíveis, foi, no entanto, muito protegido com orações e promessas oferecidas pelos pais aos santos e a Jesus. Foi igualmente muito protegido pelos padres, sem que isso impedisse seus pais de recorrerem aos serviços de *terapeutas espirituais* do meio rural. Porque afinal, no entendimento popular, todos giram na orbita comum do mundo sobrenatural habitado pelos deuses...

Acabou por encontrar o seu equilíbrio moral e psicológico, mais tarde, nas mãos de um padre da diocese de Braga que, segundo Santana, fez o diagnóstico correcto da causa dos seus padecimentos. Afinal, Santana vinha sendo vítima de *possessão pelo espírito de um antigo padre da região*, desaparecido havia muitos anos.

Santana ficou sabendo então que o espírito desse *Padre* se mantinha apegado à região onde servira e persistia ainda em continuar a proteger os seus povos. Por tal razão, esse Padre encontrara em Santana a pessoa certa para assumir o seu lugar e prosseguir a sua obra junto das famílias desvalidas e infelizes.

Não tendo resultado o exorcismo desse espírito, Santana sentiu-se constrangido a chamar sobre si o pesado fardo deixado pelo dito Padre. Aconselhado, então, pelo *Padre de Braga*, Santana não teve outra opção do que colocar-se ao serviço dessa alma desincarnada do tal *padre*, a partir de quando Santana experimentou melhoras e se tornou a pessoa normal, que hoje diz ser...

É ao espírito dessoutro *padre* do

passado, que Santana refere como a Santa Guia. Mas neste ponto a explicação é obscura. Se não é o dito *padre a santa Guia*, por trás dele estará, então, um outro espírito superior que, certamente, será do mesmo orbe cristão.

Penso também que, por um defeito da linguagem popular, Santana sempre entendeu, que a expressão *Guia* pertence ao género feminino. Daí que o espírito protector, que baixa em Santana, seja correntemente referido, como a Santa Guia.

Quer Hilda quanto Santana dizem-se devotos da religião católica, a cujos ensinamentos asseveram conservar-se fiéis. Nenhum deles reconhece que podem estar cometendo sacrilégio ou heresia. Os poderes, de que se dizem dotados, crêem emanar duma vontade superior que, certamente, não deverá ser outra senão do seu Deus cristão, em que crêem com a maior devoção.

Para estas duas personagens não existe, portanto, qualquer contradição entre a fé, que professam, e os actos que praticam inspirados por forças que só deverão ter uma fonte divina.

Entre os estudiosos destas matérias tem sido a grande influência que estes taumaturgos da religiosidade popular exercem no reforço na prática de actos devocionais junto das divindades cristãs e seus ícones. Não cessam as ofertas de velas, orações, promessas, missas, participação em procissões e romarias, sem referir o supremo sacrifício anual, por alturas das penosas peregrinações a santuários históricos, etc.

A uma determinada altura destes acontecimentos, a autoridade

eclesial procurou reprimir as suas práticas, o que terá forçado Hilda a prosseguir o seu trabalho na clandestinidade. Mas Hilda justifica, hoje, a escassa clientela, que tem, mais por força da *oposição dos filhos que não gostam que ela faça estas coisas* do que por temor das autoridades.

Ao contrário, por diversas vezes me disse Santana que não gostava de fazer o que faz, pois tudo isso representava um grande risco e sacrifício para si... *Tinha consciência de que carregava uma pesada cruz sobre os seus ombros...* Apesar de já ter tido vários incidentes com as autoridades, Santana continuava a achar que não lhe restava outra saída senão carregar a sua cruz até o fim, ao serviço da *Santa Guia!*

Santana assume-se, por esta forma, como um predestinado. Neste sentido, o seu trabalho pode ser tomado como um *serviço sagrado, portanto, irrecusável*. Ele age sob o imperativo de uma vontade superior. Não se julga um impostor, mas antes uma entidade carismática, que encontrou no meio rural, adormecido na toada religiosa de pecado e perdão, ou de sofrimento e da salvação, parece ser um nicho ainda adequado à persistência destas práticas e crenças.

Mas se não for neste meio provinciano e conservador de crenças e tradições, as condições de vida nos grandes centros se encarregarão de gerar outros fenómenos, sucedâneos destas práticas populares, cuja respeitabilidade me parece ter a mesma dignidade de quaisquer outras que, por aí, vão surgindo, sob formas inovadoras e mais sofisticadas. ■

## II Jornadas do NEPS

# Festas e Romarias tradicionais no Portugal Contemporâneo: Persistência de práticas e significados sócio-culturais

As nossas II Jornadas, sobre o tema das *Festas e Romarias tradicionais no Portugal Contemporâneo: Persistência de práticas e significados sócio-culturais*, vão-se realizar nos próximos dias 3 a 5 de Abril, no Campus de Azurém da Universidade do Minho (dias 3 e 4) e na Câmara Municipal de Amares (dia 5), com o seguinte programa:

### DIA 3 DE ABRIL - GUIMARÃES (U. M.)

9h30: Entrega da Documentação

10h00: Abertura Oficial - **Manuel Silva Costa, Presidente do I.C.S. - Universidade do Minho**  
1ª Sessão de Trabalho

Festas, festividades e romarias: Estruturas comunitárias e mudança sócio-cultural

Coordenadora: **Antonieta Costa**, Universidade da Terceira - Açores

**Elza Maria G. R. de Carvalho** - Paisagens e Culturas no Lima - U. Minho

11h30 - Pausa para café

**Nuno Miguel R. Jorge Mendes** - Culto e Relíquia em Portugal - o caso de S. Pantaleão da cidade do Porto - Museu Nacional Soares dos Reis

**Paulo Alexandre M. Barroso** - Romarias como Ideologia e Representação da Identidade Local: Crenças e Formação do Património Simbólico e Popular - U. Santiago de Compostela

13h00: Almoço

14h30: Abertura de Feira do Livro especializada; Apresentação de Posters; Sessões multimédia (vídeos, etc.)  
**Alberto Correia** - O Carnaval de Lazarim - Persistência e Reforço de uma Herança

**Elódia Eulália L. Canteiro** - Comportamentos associados ao primeiro ano de vida - herança ou mutação? - Aluna do Mestrado em História das Populações

15h30 - Pausa para café

16h00 - 1º Painel:

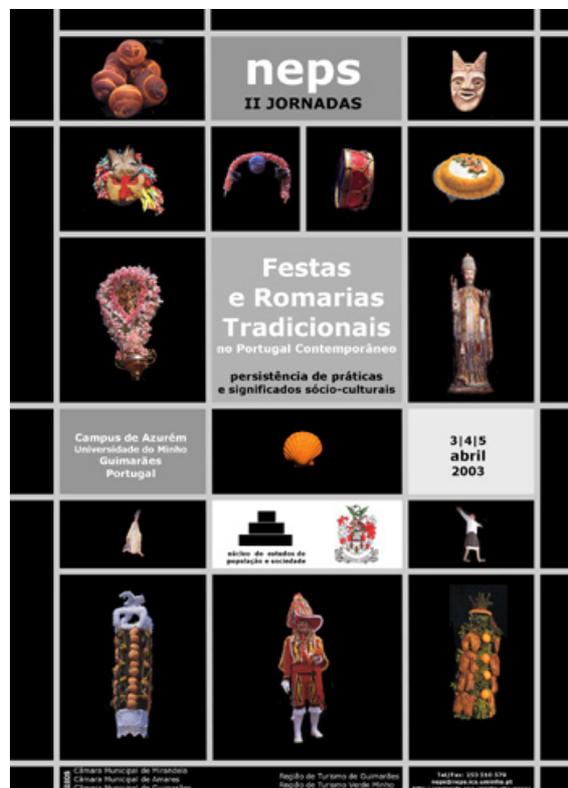
Festividades: Herança Tradicional Europeia

Coordenadora: **Antonieta Costa**

**Fernando Manuel Rocha da Cruz** - O ritual da Procissão da ressurreição - Contributo para uma análise antropológica - U. Minho

**Filipa Alexandra M. Fontinha** - A Romaria de S. João D'Ágra no Passado e no Presente - Aluna do Mestrado em Património e Turismo

**António Rodrigues Mourinho** - Festas e Romarias Tradicionais - As festas Marinhas na terra de Miranda -



Nazo, Monte - Luz - Museu da Terra de Miranda  
17h30m: **Homenagem a Luís Polanah**, Universidade do Minho

### DIA 4 DE ABRIL - GUIMARÃES (U. M.)

9h30: 2ª Sessão de Trabalho  
Crenças, Lugares Sagrados e

**Peregrinações: origens e migrações.** Prelectores: Padre Fontes; Padre Belarmino Afonso; Ana Maria; So-brinho Alves

Coordenador: **João Sanches** - Instituto Piaget

**Maria de Fátima S. V. Martins** - Mitos e Crenças na Gravidez - Esc. Sup. Enfermagem Caloust Gulbenkian  
**Virgílio António B. Tavares** - A Romaria de N.ª. Sra. do Amparo de Mirandela - do Mito religioso à animação Social contemporânea - Esc. Sup. Jean Piaget / Nordes-te

**Maria Manuela Milheiro**, Universidade do Minho

11h00: Pausa para café

11h30: 3ª Sessão de Trabalho  
Eros e Tanatos: Etno-história e História Recente da cultura popular

Coordenador: **João Sanches**

**José Ribeiro Pinto** - Corrida do Entrudo - Tradição Carnavalesca - A Romaria Minhota, entre o Profano e o Religioso

## II Jornadas do NEPS

### Festas e Romarias tradicionais no Portugal Contemporâneo: Persistência de práticas e significados sócio-culturais

Alberto Lameiras - A Festa de S. Sebastião no Barroso -  
Sociedade Martins Sarmento

13h00: Almoço

14h30: 2º Painel:

Novos objectos e novas metodologias de Investigação  
(ex. as festas de S. João na Europa; Festas, Romarias  
Emigrantes e Casamentos)

Coordenador: **João Sanches**

**Paulo Firmino V. Meirinhos**

Paulo Jorge L. Preto

16h00 - Pausa para café

**Joaquim Campos** - As festas como Processos Rituais  
para as Identidades - Universidade de Santiago de  
Compostela.

#### DIA 5 DE ABRIL - AMARES (C. M.)

9h30: 3º Painel:

**Neves Hereo Perez** - Revitalização da Peregrinação a  
Santiago de Compostela na actualidade - Universidade  
Santiago de Compostela

**Viriato Capela** e Doutoranda em Património e Turismo  
**Fernanda Rocha**, U. Minho - Romaria da Senhora da Aba-  
dia no contexto das Romarias Regionais do séc. XVIII -  
Amares.

**Francisco Calheiros**, Presidente dos Solares de Portugal  
e Aldeias Históricas - Peregrinação a Santiago de Compos-  
tela (uma prática anual com turistas nacionais e interna-  
cionais).

11h00: Pausa para café

11h15: *Cultura Festiva, Religiosa e Património: linha  
que se bifurcam (Nordeste Transmontano - Carrezada  
de Ansiães, séc. XVIII-XX).*

*Observatório de práticas e saberes em Património e  
Turismo - Festas e Romarias portuguesas em Projecto*  
Coordenadora: **Otilia Lage**, com a colaboração de **Antero  
Ferreira**, investigador do Neps, Universidade do Minho.

12h30: Síntese das Sessões de Trabalho. Conclusões e Re-  
comendações das Jornadas - **Margarida Durães**, U. Minho.

13h00: Sessão Oficial de Encerramento

**Vice-Reitor da Universidade do Minho**

13h30: Almoço/Merendeiro na Senhora da Abadia - Ama-  
res

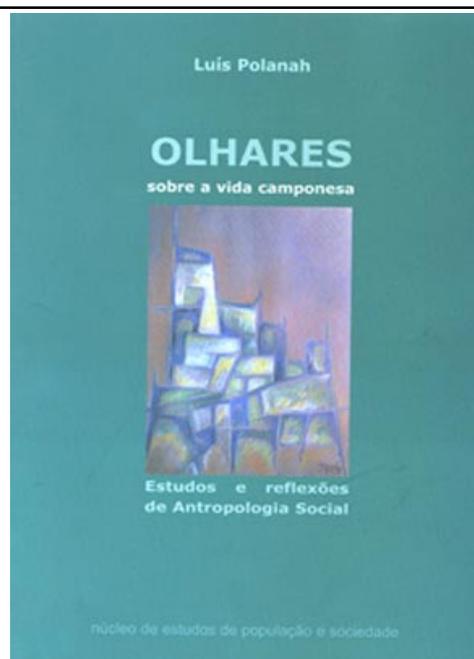
14h30: Programa Cultural

**Visita à Senhora da Abadia:**

**Cantares do Linho de Covide**, Fundação Calcedónia -  
Covide, Terras de Bouro (Parque Nacional Peneda-Gerês)

**Grupo Folclórico de Professores de Braga** - Centro de Di-  
vulgação da Cultura Popular

**Galandum-Galandaina** (Miranda do Douro) ■



### Homenagem a Luís Polanah

No âmbito do programa das suas II Jornadas, o NEPS vai homenagear um dos seus fundadores, o Professor Luís António Domingues Polanah. A homenagem terá lugar no dia 3 de Abril, pelas 17:30 horas, no Campus de Azurém da Universidade do Minho.

Nessa oportunidade, será feito o lançamento do livro *Olhares sobre o mundo camponês - Estudos e reflexões de Antropologia Social*, uma edição do Núcleo de Estudos de População e Sociedade organizada por António Amaro das Neves, que coloca à disposição de estudiosos e interessados um conjunto de estudos e reflexões, até aqui pouco acessíveis, produzidos por Luís Polanah ao longo de mais de três décadas no quadro da sua investigação no campo da Antropologia Social.

O volume reúne uma selecção de textos dispersos sobre a vida camponesa publicados por Luís Polanah, abordando temáticas como a questão do comunitarismo, a economia familiar, a função e as relações de vizinhança, as estratégias de casamento, a utilização das alcunhas e a maledicência em comunidades do norte de Portugal e em Almeida de Sayago. O último texto que integra esta publicação é uma interessante descrição de Porto Covo em finais da década de 1960. ■



## Wolfram = volfrâmio terra revolvida, memória revolta

período, de uma concatenação de espaços a várias escalas — local e regional, nacional e transnacional - e das interações entre uma diversidade de actores colectivos e individuais, a partir da atribuição de um papel central a uma entidade não-humana. Não sendo de todo original — os que frequentam regularmente os estudos sociais da ciência e da tecnologia já há muito se habituaram a acompanhar as aventuras de viéiras, quarks, moscas da fruta, bactérias, genes, proteínas, embriões, veículos eléctricos, metros automáticos, aviões... —, este livro ilustra, porém, de forma particularmente densa e exemplar o que pode ser uma história humana que dá atenção aos objectos naturais e às tecnologias, nas suas interações e processos de co-construção, com os humanos, de mundos comuns.

Para levar a bom termo este trabalho, a autora explorou fontes conhecidas, em arquivos públicos; mergulhou em espólios particulares; organizou novos arquivos onde estes não existiam ainda, a não ser em potência, sob a forma de materiais acumulados sem ordem; visitou minas fechadas, localidades que conheceram a época áurea do cobiçado mineral; entrevistou protagonistas da história, de diferentes grupos sociais e profissionais; consultou a literatura técnica sobre o tema, recolheu depoimentos e registou debates e discussões entre especialistas; criou arquivos orais e audiovisuais; e, paralelamente à construção do objecto científico que viria ser a tese de doutoramento que está na origem deste livro, foi forjando recursos peda-

gógicos que registam e reconstróem a memória da época que estudou. O nomadismo disciplinar é outra das características mais salientes deste livro. Os lugares disciplinares — e transdisciplinares — visitados pela autora ao longo deste trabalho são múltiplos, e os seus recursos são sempre mobilizados com pertinência: da filosofia das ciências a diferentes historiografias especializadas, da sociologia aos estudos Sociais da ciência, das ciências documentais aos estudos culturais - sem esquecer a geologia e a engenharia de minas, mobilizadas através da mediação dos estudos sobre a ciência...

À ambição do estudo corresponde, também, a ousadia no plano metodológico. Apoiando-se, com competência em recursos convencionais da história e da sociologia, a autora não hesitou, sempre que tal se revelou necessário ou aconselhável, em usar de modo transgressivo esses recursos. No plano da construção formal e da mobilização dos recursos retóricos, deparamos também, neste livro, com uma interessante articulação entre formas mais convencionais e formas mais “experimentais” de construção de uma diversidade de narrativas “densas” que se vão entrecruzando. O leitor disposto a enfrentar as exigências de leitura de um texto com estas características não deixará, certamente, de se sentir recompensado pela riqueza emergente da diversidade de perspectivas parciais sobre o tema que a autora nos oferece.

Muito mais haveria, certamente, a dizer acerca deste livro e da sua contribuição para a história política e social de Portugal no contexto internacional no período

do Estado Novo e para os estudos sociais da ciência e da tecnologia. Pela minha parte, considero-me privilegiado por ter estado associado à produção deste estudo desde o primeiro momento, e de ter tido a possibilidade de o acompanhar ao longo de uma longa (e nem sempre fácil) elaboração. Aos leitores deixo a tarefa de descobrir, por si próprios, toda a riqueza deste trabalho. ■

*João Arriscado Nunes*



### Quinta Jornada Setecentista

O CEDOPE (Centro de Documentação e Pesquisa e História dos Domínios Portugueses) vai organizar a sua Quinta Jornada Setecentista, que decorrerá em Curitiba, no Brasil, de 25 a 27 de Junho de 2003. A iniciativa contará com a participação especial dos seguintes palestrantes: Geraldo Pieroni (Universidade Tuiuti do Paraná), João José Reis (Universidade Federal da Bahia), Norberta Amorim (Universidade do Minho), Ronaldo Vainfas (Universidade Federal Fluminense) e Sheila de Castro Faria (Universidade Federal Fluminense).

As informações sobre este encontro científico encontram-se em: [WWW.humanas.ufpr.br/dehis/index.html](http://WWW.humanas.ufpr.br/dehis/index.html) ■

## ficha de inscrição ■ neps

IDENTIFICAÇÃO						
Nome					Data de Nascimento	
Endereço						
Telefone		Fax		E-mail		
Naturalidade						
BI n.º		Data / /		Arquivo		N.º Contribuinte
HABILITAÇÕES ACADÉMICAS						
Doutor	Doutorando	Mestre	Mestrando	Licenciado	Estudante	
Cursos (indicar instituições e anos de conclusão)						
ACTIVIDADE PROFISSIONAL						
Profissão						
Instituição						
Endereço						
Telefone		Fax		E-mail		
INTERESSES DE INVESTIGAÇÃO						
Fontes		Análise demográfica		Reconstituição de Paróquias		
Registos paroquiais ou de estado civil		Outra documentação paroquial		Documentação fiscal		
Passaportes		Dotes		Testamentos		
Doações		Outra documentação notarial		Cruzamento de fontes diversas		
Migrações		História da família		Genealogias		
História da criança abandonada		Análise social		História da alfabetização		
Outros						
Data		Assinatura				
Depois de preenchida, esta ficha deverá ser remetida ao Neps, juntamente com uma cópia do currículo do investigador.						

## ficha de actualização bibliográfica ■ neps

Autor:						
Título:						
Publicado		Policopiado		Inédito		
Artigo	Livro	Dissertação		Trabalho académico		
Editor				Ano de edição		
Local de edição				N.º de páginas		
Revista				N.º ano		Páginas /
Se se tratar de uma comunicação apresentada em encontro científico, indique a identificação completa do evento (título/temática/secção onde o trabalho foi apresentado; entidade organizadora; local e data de realização):						
Resumo						

Para que o possa divulgar, o Núcleo de Estudos de População e Sociedade necessita de manter actualizada a sua base de dados bibliográfica com as produções dos seus membros. Para tanto, agradecemos que esta ficha seja preenchida e remetida para o NEPS sempre que produza ou publique um novo trabalho, fazendo-a acompanhar, sempre que possível, por uma cópia do mesmo.

### monografias neps

**AMORIM, Maria Norberta e CORREIA, Alberto, Francisca Catarina (1846-1940).** *Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[19,80€]

**CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de, Basto (St.ª Tecla) - Uma Leitura Geográfica (do século XVI à contemporaneidade)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[19,80€]

**FARIA, Inês Martins de, Santo André de Barcelinhos.** *O difícil equilíbrio de uma população - 1606-1910*, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1998.

[15,70€]

**GOMES, Maria Palmira Silva, Estudo Demográfico de Cortegaça - Ovar (1583-1975)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1998.

[15,70€]

**LAGE, Maria Otilia Pereira, Wolfram = volfrâmio terra revolvida, memória revolta para uma análise transversal da sociedade portuguesa (anos 1930-1960)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2003.

[26,50€]

**MONTEIRO, Miguel, Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2000.

[20,00€]

**NEVES, António Amaro das, Filhos das Ervas - A ilegitimidade no Norte de Guimarães, séculos XVI-XVIII**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[15,70€]

**PAIVA, Odete, S. Martinho de Avidos, comunidade rural do Vale do Ave: Demografia e Sociedade (1599-1995)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[20,00€]

**SANTOS, Carlota Maria Fernandes dos, Santiago de Romarições, comunidade rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1640-1872)**, Câmara Municipal de Paredes de Coura - Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[15,70€]

**SCOTT, Ana Sílvia Volpi, Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVII e XIX)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[19,80€]

**SOLÉ, Maria Glória Parra Santos, Meadela, Comunidade Rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1593-1850)**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[19,80€]

### textos neps

**POLANAH, Luís, Olhares sobre a vida camponesa - Estudos e reflexões de Antropologia Social**, Organização de António Amaro das Neves, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2003

[17,50 €]

### cadernos neps

**AMORIM, Maria Norberta, Ribeiras do Pico. (Finais do séc. XVII a finais do séc. XX). Microanálise de evolução demográfica**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[11,00€]

**BARBOSA, Maria Hermínia Vieira (com a colaboração de Anabela de Deus Godinho), Crises de mortalidade em Portugal, desde meados do século XVI até ao início do século XX**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[7,50€]

**LAGE, Maria Otilia Pereira (com a colaboração de SOARES, Odete do Carmo Santos e DIAS, Ana Margarida Mendes) Bibliografia. Demografia Histórica - História das populações - Portugal**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 200.

[11,00€]

**LAGE, Maria Otilia Pereira, Abordar o Património Documental: territórios, práticas e desafios**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2002.

[7,50€]

### cadernos neps (série B)

**COSTA, Antonieta, As festas sanjoaninas e suas origens mais remotas**, Neps/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 2002

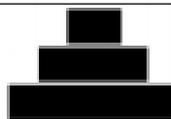
[5,00€]

### outros textos

**MACIEL, Maria de Jesus, Imagens de Mulheres**, Câmara Municipal de Lajes do Pico/ICS - Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[9,40 €]

**Aos membros do Neps é concedido um desconto de 20% sobre o preço de capa. Os pedidos (acompanhados de cheque correspondente ao valor dos livros solicitados) devem ser encaminhados para a Secretaria do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (Campus de Azurém da Universidade do Minho).**



## Boletim Informativo n.º 30 ■ Março ■ 2003



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO E SOCIEDADE ■ Instituto de Ciências Sociais ■ Universidade do Minho ■ Pólo de Azurém ■ Guimarães ■ DIRECTORA: Maria Norberta Amorim ■ EDITOR: António Amaro das Neves ■ COORDENAÇÃO DA REDACÇÃO: Elisabete Pinto ■ COLABORADORES DESTA EDIÇÃO: Maria Norberta Amorim, Luís Polanah, Elisabete Pinto, António Amaro das Neves ■ SECRETARIADO: Isabel Salgado, Daniel Freitas, Fátima Dias, Natália Silva, Sónia Fernandes, Vítor Oliveira ■ DEPÓSITO LEGAL n.º 125306/98 ■ ENDEREÇO: Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Universidade do Minho, Pólo de Azurém - 4800-058 Guimarães ■ Telefone/Fax: 253 510 579 ■ e-mail: neps@neps.ics.uminho.pt ■ URL: www.eng.uminho.pt/~neps

O Boletim Informativo do NEPS é uma publicação bimestral dedicada à divulgação das actividades do Núcleo de Estudos de População e Sociedade e dos trabalhos relacionados com Demografia Histórica e História das Populações. Agradece-se toda a colaboração que nos seja enviada, a qual será submetida à apreciação dos editores. Solicita-se o envio de notícias acerca de eventos, publicações e investigações nas áreas de Demografia Histórica e afins. ■ Os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.